

A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Henrique da Silva Felix¹
Diogenes José Gusmão Coutinho²

RESUMO: O presente artigo teve por objetivo uma breve discussão acerca da aprendizagem colaborativa como didática pedagógica bem como sua importância para a participação ativa dos alunos no ambiente escolar. Essa didática visa envolver os alunos ativamente no processo educacional, promovendo a troca de ideias, o trabalho em equipe e a construção de conhecimento de forma conjunta. Para atingir tal objetivo, utilizamos da pesquisa bibliográfica, usando os inovadores aportes teóricos de Piaget e Vygotsky, mais especificamente, suas contribuições para o desenvolvimento de metodologias de aprendizagem colaborativa. Como resultado, examinamos os benefícios e estratégias práticas dessa abordagem, buscando compreender como a participação dos alunos pode ser otimizada para criar um ambiente escolar mais envolvente e educacional.

Palavras-chave: Aprendizagem Colaborativa. Espaço Escolar. Educação.

ABSTRACT: The objective of this article was a brief discussion about collaborative learning as a pedagogical didactic as well as its importance for the active participation of students in the school environment. This teaching aims to actively involve students in the educational process, promoting the exchange of ideas, teamwork and the construction of knowledge jointly. To achieve this objective, we use bibliographical research, using the innovative theoretical contributions of Piaget and Vygotsky, more specifically, their contributions to the development of collaborative learning methodologies. As a result, we examine the benefits and practical strategies of this approach, seeking to understand how student participation can be optimized to create a more engaging and educational school environment.

Keywords: Collaborative Learning. School Space. Education.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é mais do que apenas um espaço físico onde o ensino ocorre; é um ecossistema dinâmico que molda o desenvolvimento dos alunos.

¹ Doutorando- Christian Business School.

² Doutor- Universidade Federal de Pernambuco.

A professora Maria Raquel Barreto Pinto (2005) destaca a importância da análise do espaço como um lugar físico e o tempo como um símbolo social, reconhecendo a complexa interação entre esses dois elementos no contexto do aprendizado humano. Dessa forma, ao considerar o espaço como um lugar, estamos reconhecendo que o ambiente físico desempenha um papel fundamental na experiência humana, isso não inclui apenas a sala de aula ou as instituições de educação, mas também um ambiente mais amplo.

Ao falarmos de educação, tal análise nos sugere a importância de considerarmos o impacto que o espaço escolar tem no processo de aprendizagem. (Faria Filho, 2000). Assim, o ambiente escolar desempenha um papel crucial no desenvolvimento do aluno, não só como receptores passivos de informações, mas sim, como participantes ativos na construção de novos conhecimentos. A aprendizagem colaborativa surge, nesse sentido, como uma abordagem pedagógica promissora, centrada na participação ativa dos alunos. Este artigo explora como a participação ativa no espaço escolar, através da aprendizagem colaborativa, pode promover um ambiente educacional mais dinâmico e enriquecedor.

1. Fundamentos da aprendizagem colaborativa

3965

Falamos sobre a importância da prática pedagógica que é a aprendizagem colaborativa, requer falarmos das teorias educacionais que embasam tal prática.

Historicamente difundidas no contexto escolar, as principais tendências pedagógicas e base teóricas que embasam a aprendizagem colaborativa foram: O Movimento da Escola Nova, no começo do século XX, pelos educadores John Dewey, Maria Montessori e Jean Piaget; As Teorias da Epistemologia Genética de Piaget; A Teoria Sociocultural de Vygotsky e, por fim, a Pedagogia Progressista. No presente artigo, iremos nos limitar e dar ênfase às teorias de Piaget e Vygotsky.

O método de aprendizagem colaborativa é uma prática pedagógica que incentiva as habilidades necessárias para o desenvolvimento cognitivo e convivência social na sala de aula. Ele se baseia em teorias educacionais que valorizam a interação entre os alunos e a colaboração mútua para alcançar objetivos de aprendizagem comuns. Assim, duas teorias educacionais importantes que fundamentam a aprendizagem colaborativa são a teoria construtivista, especialmente associada a Jean Piaget, o qual em seus estudos buscava conhecer a dinâmica do processo de construção do conhecimento pelo indivíduo e a teoria

sociocultural, associada a Lev Vygotsky, que enfatizava o papel da interação social no desenvolvimento do homem (Torres *et al.*, 2004).

Piaget (*apud* Abreu, 2010) na sua obra *Epistemologia Genética* focou na origem lógica dos conhecimentos e na dinâmica do processo de construção do conhecimento pela criança. Ao nomear sua obra de *Epistemologia Genética*, Piaget enfatizou a importância da gênese ou origem do conhecimento. Ele estava interessado em compreender como as estruturas mentais e os processos de pensamento se desenvolvem ao longo do tempo, especialmente durante a infância. A gênese lógica dos conhecimentos referia-se à maneira como as crianças constroem ativamente seu entendimento do mundo ao interagir com o ambiente.

Em sua teoria, o sujeito é considerado um ser ativo que se relaciona com o meio físico e social, construindo relações significativas. A direção do desenvolvimento acontece do individual para o social, das operações às cooperações (De Menezes, 2007). Assim, Piaget acreditava que o conhecimento não era um objeto fixo, mas algo construído pelo indivíduo por meio da experiência com o objeto do conhecimento. A ação e a interação são fundamentais no seu estudo, e os pressupostos básicos incluem a ideia de que os alunos são levados a engajar-se na construção de conhecimentos por meio da integração de novas informações em seus “esquemas” mentais.

A prática construtivista, derivada da *Epistemologia Genética*, destaca a importância de envolver os alunos em sua própria construção de conhecimentos. Isso vai contra a abordagem centralizadora do ensino tradicional, na qual o professor é visto como o detentor do conhecimento, repassando-o para os alunos. No construtivismo, o professor é um agente que provoca o desequilíbrio cognitivo, envolvendo os alunos em todo o processo cognitivo e colocando-os no centro do aprendizado.

Essa metodologia enfatiza atividades autênticas e desafiadoras que criam comunidades de aprendizagem, refletindo práticas colaborativas do mundo real. Nesse espaço, os alunos assumem a responsabilidade por sua própria aprendizagem, desenvolvendo habilidades metacognitivas para monitorar e dirigir seu próprio aprendizado e desempenho. Nesse sentido, a interação é valorizada permitindo que diferentes perspectivas sejam negociadas para gerar significados e soluções por meio de um entendimento compartilhado.

Assim, a partir das ideias de Piaget (1985 *apud* De Menezes, 2007) compreende-se que os novos métodos de educação precisam priorizar a cooperação entre as crianças em lugar de

negligenciá-la, por ser a interação entre elas a mais apta a favorecer o conflito sociocognitivo, promovendo comportamentos que estimulam a reflexão crítica.

Por sua vez, Vygotsky (citado por De Menezes, 2007) com a sua Teoria Sociocultural dá ênfase no papel da interação social no desenvolvimento humano, argumentando que as interações entre indivíduos e o ambiente são os principais impulsionadores da aprendizagem. Ele considera que o indivíduo como ser social estabelece sua individualidade a partir da interação com os outros, mediada pela cultura (De Menezes, 2007).

Para o estudioso, todo o desenvolvimento e aprendizagem são processos ativos, envolvendo ações propositais mediadas por diversas ferramentas, sendo a linguagem a mais crucial, sendo está um aspecto fundamental para o intelecto humano, pois é nela que se desenvolvem por meio da interação social.

Essa interação remete ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o qual segundo Zanella

É a região dinâmica que permite a transição do funcionamento Inter psicológico para o funcionamento do intrapsicológico pois, segundo Vygotsky todas as funções psicológicas superiores resultam da reconstrução interna de uma atividade social partilhada. (Zanella, p. 99, 1994).

3967

Assim, a ZDP destaca a distância entre o nível atual de desenvolvimento de uma pessoa e o potencial que pode ser alcançado com o apoio de um parceiro mais experiente, evidenciando a importância da interação social no processo de aprendizagem, ou seja, distância entre aquilo que o sujeito é capaz de fazer sozinho (seu nível real) e o que ele conseguirá fazer a partir da interação com o outro mais experiente (seu nível potencial) (De Menezes, 2007).

As ideias decorrentes da sua teoria sociocultural compreendem que a interação mediada pela cultura entre um aprendiz e colegas mais capazes pode levar o aluno a aplicar técnicas e conceitos aprendidos durante colaborações em problemas semelhantes ao resolvê-los de forma independente. Assim, a direção do desenvolvimento para Vigotski é do social para o individual, ou seja, as relações sociais são primárias e, só depois, se transformam em funções psíquicas (De Menezes, p. 54, 2007).

Essas teorias, embora distintas em muitos aspectos, convergem em reconhecer a importância da interação e da construção ativa do conhecimento no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Na prática, ambas as abordagens têm implicações significativas

para o ambiente educacional, pois ao integrar elementos dessas teorias no processo educacional, os educadores podem criar ambientes que estimulem a curiosidade, a participação ativa dos alunos e a construção significativa do conhecimento.

2. Definição e princípios básicos da aprendizagem colaborativa

À medida que nos afastamos dos paradigmas educacionais convencionais, faz-se necessário compreender a evolução da educação no século XXI. Dessa forma, a aprendizagem colaborativa, em seu contexto, surge como uma resposta estratégica, reconhecendo a emergência de instruir os alunos não apenas com o conhecimento tradicional tal como conhecemos, mas também com habilidades interpessoais, pensamento crítico e adaptabilidade. Ela surge da dinâmica às demandas crescentes do ambiente educacional contemporâneo. Assim

Entende-se por aprendizagem colaborativa o processo de reestruturação que ajuda os estudantes a se tornarem membros de comunidades de conhecimento cuja propriedade comum é diferente daquelas comunidades que já pertencem. Refere-se a uma passagem para outra cultura, para outro ambiente que possua outras normas, valores diferenciados daquele que nos encontramos (Torres *et al.*, p. 7, 2004).

3968

Diferentemente dos métodos tradicionais de ensino, nos quais a instrução é predominantemente centrada no professor e na aprendizagem individual, a aprendizagem colaborativa incentiva a cooperação, o diálogo e a aplicação prática do conhecimento. Enquanto os métodos tradicionais enfocam a competição entre alunos e a memorização de informações, não explorando, muitas vezes, as habilidades sociais e a diversidade de perspectivas, os quais são elementos fundamentais na aprendizagem colaborativa.

Para Guedes (2003) o conhecimento é elaborado através da interação dos meios com a vontade do aprendiz, destacando a natureza dinâmica e participativa do processo de aprendizagem. Tal perspectiva, nos remete aos princípios construtivistas, como visto anteriormente, que enfatiza a importância da interação ativa do aprendiz com seu ambiente e a influência de sua vontade e motivação no processo de construção do conhecimento, o que não acontece nos meios de ensino tradicionais.

Para Brufee (1984 *apud* Torres *et al.*, 2004), a distinção fundamental entre a aprendizagem colaborativa e os métodos tradicionais de sala de aula reside na mudança do contexto social no qual os alunos aprendem. Enquanto os métodos tradicionais muitas vezes

se concentram na transmissão unilateral e vertical de conhecimento professor-aluno, a aprendizagem colaborativa valoriza a interação entre os próprios alunos.

Na aprendizagem colaborativa, o que se sobressai não é só a mudança no conteúdo do que está sendo aprendido, mas sim a transformação no ambiente social de aprendizagem. Tal abordagem reconhece e revitaliza a poderosa influência educativa do trabalho em grupo, uma dinâmica que não é frequentemente utilizada nos métodos tradicionais de ensino.

Os educadores que se propõe a adotar como prática didática a aprendizagem colaborativa, se afastam da postura centralizadora e vertical do método tradicional, no qual o professor é visto como o único detentor de conhecimento. Ao invés disso, quando adotam tal prática se veem promovendo interações e construindo relações de forma mais horizontal com seus alunos, onde agora, o aprendizado não mais ocorre só entre professor-aluno, mas também entre aluno-aluno.

Nesse contexto, o professor deixa de ser o único detentor do conhecimento e passa a desempenhar um papel de facilitador. Agora sua função é a de criar ambientes e contextos propícios para que os alunos desenvolvam suas habilidades sociais e cognitivas de maneira criativa, especialmente por meio da interação com os outros alunos. Neste momento, o aluno torna-se um participante ativo na construção de conhecimento e o professor passa a atuar como um guia, proporcionando oportunidades para a expressão criativa, crítica e colaborativa dos alunos.

Assim, em oposição a essa abordagem de ensino-aprendizagem tradicional, que ainda é algo que está fortemente enraizado no cotidiano escolar, a aprendizagem colaborativa reconhece e valoriza o conhecimento prévio de cada estudante, suas experiências individuais e sua compreensão do mundo.

2.1 Aprendizagem colaborativa na prática

A implementação efetiva da aprendizagem colaborativa no ambiente educacional requer uma mudança significativa nos métodos tradicionais. Tal mudança não só implica na adoção de novas práticas pedagógicas, mas também na redefinição do papel do educador e na promoção de uma cultura de participação ativa dos alunos. Essa transição requer reflexão, um planejamento cuidadoso e o engajamento contínuo de educadores e alunos para alcançar os benefícios transformadores dessa abordagem inovadora.

Em seu artigo, Torres *et al.* (2004) traz as contribuições de acadêmicos que colocaram em prática a aprendizagem colaborativa com estudantes que participaram de aprendizagem em grupos pequenos demonstrando maior realização em comparação com aqueles expostos à instrução sem trabalho colaborativo. Nessa experiência, os alunos coletivamente construíram conhecimento por meio de uma troca contínua de informações, perspectivas, questionamentos e resoluções de questões. Tal resultado têm implicações significativas para a prática educacional, pois sugere que a abordagem colaborativa pode influenciar positivamente o engajamento e o desempenho dos alunos.

Como descrito no artigo, a prática colaborativa destaca a construção coletiva do conhecimento por meio da interação constante entre os alunos. A troca de informações, pontos de vista, questionamentos e resoluções de problemas contribui para um ambiente de aprendizagem dinâmico e interativo (Torres *et al.*, 2004).

Ainda, para esses estudiosos, essa colaboração

Entre os pares permite uma produção coerente e única do grande grupo, tanto nas atividades dos subgrupos quanto nas atividades individuais, visto que todas são compartilhadas por todos os membros que compõem a turma, por meio da publicação das atividades. O grupo é, pois, antes de qualquer coisa, uma ferramenta, um instrumento a serviço da construção coletiva do saber.

3970

Eles ainda continuam em relação às atividades desenvolvidas durante essa prática pedagógica

São as atividades que dão sentido à ação do grupo ao mesmo tempo em que o dinamizam. É no processo de gestão destas atividades que os componentes do grupo se organizam, repartem papéis, discutem idéias e posições, interagem entre si, definem subtarefas, tudo isso, dentro de uma proposta elaborada, definida e negociada coletivamente. (Torres *et al.*, p. 12, 2004)

Assim, tais elementos trazem à tona a importância de repensar as práticas educacionais, promovendo abordagens colaborativas que estimulem a participação ativa dos alunos, a construção coletiva do conhecimento e o respeito pela diversidade. A prática colaborativa não só melhora o desempenho escolar dos alunos, mas também desenvolve habilidades sociais valiosas, os preparando para desafios futuros. Essa discussão respalda a crescente ênfase na transformação do paradigma educacional tradicional em direção a métodos mais participativos e colaborativos.

Por fim, a concepção implícita da aprendizagem colaborativa é que a aprendizagem se torna mais significativa quando ocorre por meio de discussões em grupo e experimentação. A interação dos próprios alunos entre eles, a diversidade de perspectivas e a participação ativa são elementos-chave para criar um ambiente educacional dinâmico e enriquecedor.

2.2 O papel do educador: facilitador e orientador

No contexto da aprendizagem colaborativa, o papel do educador assume uma dimensão fundamental como facilitador e orientador dessa prática. Ao invés de exercer o seu papel tradicional de transmissor de conhecimento, o educador torna-se uma guia com a função de facilitar uma construção conjunta do saber pelos alunos, assumindo um papel mais orientador, estimulando a participação ativa dos alunos e promovendo a construção conjunta do conhecimento.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o papel do professor é multifacetado e desempenha um papel central no sucesso da abordagem. Além de atuar como um facilitador, criando um ambiente propício para a colaboração e o engajamento ativo dos alunos, ele também facilita a construção do conhecimento, incentivando a troca de ideias e a resolução conjunta de problemas.

Também, planeja e organiza atividades de aprendizagem colaborativa, determinando objetivos claros e estratégias que promovam a interação entre os alunos. Organiza a sala de aula de maneira a facilitar a colaboração, escolhendo arranjos físicos e materiais adequados.

Ainda, age como mentor, promovendo o pensamento crítico e a reflexão sobre o processo de aprendizagem, além de estimular a autoconsciência e a autorregulação dos alunos. Monitora a dinâmica dos grupos, intervindo quando necessário para resolver conflitos, garantir a inclusão de todos e manter o foco na tarefa. Estimula a comunicação dentro do grupo, incentivando um diálogo construtivo e produtivo.

Dessa forma, o papel exercido pelo professor é adaptativo e envolve uma combinação de habilidades de instrução, facilitação e mentoria.

Para Torres *et al.*,

O professor na aprendizagem colaborativa deve criar atividades que ajudem os estudantes a descobrirem e tirarem vantagem da heterogeneidade do grupo para aumentar o potencial de aprendizagem de cada membro do grupo (p. 13, 2004).

Nesse tipo de aprendizagem, a heterogeneidade do grupo pode ser uma fonte valiosa de enriquecimento da experiência educacional para todos os alunos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, ao explorarmos a temática da aprendizagem colaborativa como prática pedagógica, destacamos sua natureza dinâmica e interativa, a qual os alunos se engajam de forma conjunta na construção do conhecimento. Tal prática, fundamentada nas discussões de Piaget e Vygotsky, enfatiza a importância da interação social e do desenvolvimento cognitivo através do diálogo e da colaboração.

Essa prática é importante pois transforma o contexto social no qual ocorre o aprendizado. Essa mudança de paradigma, em contraste com os métodos tradicionais de ensino tal como conhecemos, dá vida à força educativa do trabalho em grupo, destacando a importância do papel do professor como facilitador desse processo.

Ter uma participação ativa dos alunos no espaço escolar é vital para o desenvolvimento de indivíduos críticos e participativos na sociedade. E é justamente na prática colaborativa que os alunos, de forma eficaz, alcançam esse objetivo, transformando salas de aula em ambientes dinâmicos de aprendizado.

Ao promover a interação, o diálogo e a cooperação, a aprendizagem colaborativa não só enriquece o processo educacional, mas também prepara os alunos para os desafios do mundo real.

Piaget em seus estudos na teoria construtivista, nos trouxe o privilégio da compreensão de como aprender pode ser algo facilitado por meio de atividades engajadoras e construtivas, possibilitando a construção de outros significados, na participação ativa dos alunos em diversos contextos sociais, culturais, históricos e também políticos, sendo o elemento chave dessa participação ativa a troca de experiências através do diálogo.

Vygotsky, por meio da sua teoria sociocultural, enfatizou a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo, introduzindo conceitos como a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Nesse contexto, ambos acatam a ideia de que o conhecimento não é um objeto fixo, mas algo construído ativamente pelo aprendiz. Assim o professor assume o papel de

facilitador e orientador, criando um ambiente propício para essa construção coletiva, estimulando o pensamento crítico, a autorregulação e a reflexão metacognitiva.

Por fim, arriscamos dizer que a aprendizagem colaborativa não é só uma estratégia pedagógica, mas uma filosofia que coloca os alunos no centro do processo educacional. O papel do professor/educador, nesse sentido, é fundamental, pois ele se torna um arquiteto do ambiente de aprendizagem, guiando, facilitando e inspirando os alunos a se tornarem aprendizes autônomos e colaborativos. Tal abordagem transcende a mudança no que os alunos aprendem, transformando fundamentalmente o contexto social no qual ocorre o aprendizado.

Referências bibliográficas

ABREU, Luiz Carlos de *et al.* **A epistemologia genética de Piaget e o construtivismo.** Rev. bras. crescimento desenvolv. hum., São Paulo, v. 20, n. 2, p. 361-366, ago. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000200018&lng=pt&nrm=iso. acessos em 26 nov. 2023.

DE MENEZES, Marília Gabriela; BARBOSA, Rejane Martins Novais; JÓFILI, Zélia Maria Soares. **APRENDIZAGEM COOPERATIVA: O QUE PENSAM OS ESTUDANTES?** Linguagens, Educação e Sociedade, n. 17, p. 51-62, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, p. 19-34, 2000.

GUEDES, Jefferson et al. **Aprendizagem colaborativa um perfil para educadores e educandos.** 2003.

PINTO, Maria Raquel Barreto. **Tempo e espaço escolares: o (des)confinamento da infância.** Anais da 28ª Reunião Anual da ANPEd, p. 16-19, 2005.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom Adriano Freitas. **Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem.** Revista diálogo educacional, v. 4, n. 13, p. 1-17, 2004.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas.** Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 97-110, ago. 1994. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1994000200011&lng=pt&nrm=iso. acessos em 26 nov. 2023.